



DÉBORA, PROFETISA E JUÍZA EM ISRAEL

Deborah, prophesy and judge in Israel

Denise Santana*

Resumo: Este artigo é uma hermenêutica sobre Débora, juíza e profetisa de Israel, cuja história de vida e de trabalho está descrita em Juízes 4 e 5. Foi analisado o contexto do livro de Juízes, como era a vida da mulher no Antigo Testamento e o exemplo da história de Débora que pode ajudar na valorização das mulheres cristãs na atualidade.

Palavras-chave: Débora. Feminismo. Hermenêutica feminista. Mulher.

Abstract: This article is a hermeneutic of Deborah, a judge and prophetess of Israel, whose life and work history is described in Judges 4 and 5. The context of the book of Judges was analyzed, as was the life of women in the Old Testament and the example of Deborah's story that can help in the appreciation of Christian women today.

Keywords: Deborah. Feminism. Feminist hermeneutics. Woman.

Introdução

A partir de uma visão que valoriza a ação da mulher, este artigo descreve o contexto histórico do livro de Juízes, destaca os principais personagens que aparecem em Juízes 4 e 5, a história de Débora e a canção de louvor feita por ela depois de vencer os inimigos do povo de Deus. Também foi pesquisada como era a vida da mulher no Antigo Testamento. Com a intenção de analisar a mensagem bíblica para a atualidade, o artigo enfoca a importância de Débora para as mulheres cristãs hoje.

* Doutoranda em Teologia Prática pela Escola Superior de Teologia (EST), tem mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), pós-graduação em MBA Gestão da Comunicação nas Instituições pela Universidade Católica de Brasília, bacharelado em Comunicação Social, jornalismo, pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB), licenciatura plena em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) e bacharelado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Brasília (FE). E-mail: jornalista.denise.santana@gmail.com

É necessário estudar a Bíblia mostrando as grandes realizações das mulheres que foram apagadas da história do judaísmo. Mas as mulheres estavam presentes na cultura do povo de Deus. E as pessoas hoje têm muitos valores a aprender com os exemplos das mulheres bíblicas.

Contexto do livro de Juízes

O livro de Juízes comenta a história de Israel sob o ponto de vista do fracasso da nação. Por causa da desobediência a Deus, com a adoração a deuses como Baal e Astarote, o povo foi escravizado por várias nações que os cercava como filisteus, cananeus, sidônios, midianitas (Cusã) e heveus. O livro pode ser entendido em quatro palavras, que são: pecado, servidão, arrependimento e salvação.

Israel vivia uma anarquia na vida religiosa, moral e nacional. Havia apostasia em Israel durante os anos em que os juízes governaram. A história segue o esquema deuteronomista. O povo infiel a Deus serviu a ídolos. Então, Deus permitiu que estrangeiros dominassem sobre os israelitas. O povo clamou pelo socorro divino porque está sofrendo. O juiz foi levantado por vontade de Deus para restaurar a paz, mas depois o povo caiu em apostasia novamente. As batalhas citadas, comandadas pelos juízes, são entendidas como guerra santas ou guerras de YHWH.

Diante do sofrimento, da opressão sofrida e do clamor do povo, Deus levantou juízes para guerrear. Cada juiz cuidava de uma tribo. Nesse período o povo estava dividido nas 12 tribos. Débora, a personagem analisada, é uma das juízas. Além dela, houve mais 11 juízes homens. No total, são 12 juízes porque foi excluído Abimeleque, por ter sido considerado um usurpador.

Nenhum dos 21 capítulos cita o autor do livro de Juízes. De acordo com a tradição judaica, o autor foi Samuel¹. Mas essa não é a única informação sobre autoria. Não há uma autoria fechada sobre o livro. Não existe um entendimento único sobre a autoria. Outro ponto de vista é que o estilo do livro é variado. Se as histórias forem comparadas, percebe-se que não existiu a preocupação de colocar os textos em um estilo uniforme. Por isso, entende-se que podem ter sido vários autores diferentes que escreveram². A obra cobre um período grande que vai da morte do líder Josué (sucessor de Moisés) até a magistratura de Samuel. O início do período dos juízes não está definido com exatidão. Merrill afirma que o período coberto pelo livro de Juízes é de transição entre a federação das tribos (teocracia) e o surgimento de Israel como nação (monarquia). O livro narra cerca de 300 anos de história, que foi de c. 1350-1050 a.C.³.

¹ PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia: livro por livro**. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 56.

² LASOR, William S. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 173.

³ MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 408.

Existiam três características básicas para uma pessoa ser juiz sobre Israel: ser chamado por Deus, deter poder especial e a maioria deles pertencia à classe dos desprezados e insignificantes⁴. Outros estudiosos dizem que os juízes eram líderes militares. De modo geral, os juízes não ouviam reclamações do povo e não julgavam. Isso cabia aos anciãos ou chefes de família. Já os sacerdotes eram os intérpretes da lei. Mas havia exceções. Débora, por exemplo, ouvia a sua tribo. Aos juízes cabia o papel de fazer guerra. Em raras exceções os juízes julgaram os israelitas e ouviam reclamações por violação da lei. Esses casos existiram, mas não definiram o ofício do juiz à época. Os juízes não julgavam o povo comum como atualmente entende-se que seja o papel de um juiz. O juiz fazia guerra. Exercia uma função militar de ataque e defesa do território e do povo⁵.

O juiz era um líder carismático, não era escolhido pelo povo, mas por Deus. O Espírito divino dava poder ao juiz para ele ou ela (no caso de Débora) lidar com uma situação específica. O juiz não era rei e não tinha dinastia ou família governante. O tempo dos juízes é diferente do tempo da monarquia. “Juiz era a pessoa, escolhida por Javé, para expulsar o opressor e dar paz à terra e ao povo”⁶.

Nesse período já havia passado a época da conquista da terra. O povo já estava estabelecido. Cada grupo estava em tribo e a terra tinha que ser protegida dos inimigos. Cabia aos juízes proteger o território conquistado. Há uma distinção entre os juízes menores e os maiores. Os juízes maiores eram comandantes carismáticos que lutavam contra os inimigos de Israel. Os juízes menores eram juízes de fato ou então príncipes locais⁷. Débora está inserida entre os juízes maiores.

O contexto político⁸ da época mostra que Débora governou em um tempo que o povo israelita não seguia as leis divinas. O povo agia de acordo com a própria vontade. O sistema judicial civil era inepto e o exército era fraco para defender as fronteiras. Eles estavam escravizados pelos cananeus. O rei dos cananeus era Jabim e o general do exército era Sísera. Débora se tornou juíza nesse contexto e uma libertadora de seu povo durante a guerra.

Além do contexto político, é importante descrever o contexto espiritual. Deus ordenou que Baraque (que em hebraico significa relâmpago⁹) atacasse os cananeus e os derrotasse. Ele se recusou a ir sozinho à batalha. Decidiu ir para a batalha somente depois que Débora resolveu ir

⁴ PEARLMAN, 2006, p. 57.

⁵ LASOR, 2002, p. 166.

⁶ LASOR, 2002, p. 167.

⁷ ROSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 48.

⁸ ALMEIDA. **Bíblia de Estudo Revista e Atualizada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 276.

⁹ DAVIS, John. **Novo dicionário da Bíblia ampliado e atualizado**. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 155.



também. Baraque disse que só iria se ela fosse. Ela se uniu a Baraque e foram para o monte Tabor, com um exército de 10 mil homens. Davis afirma que “é difícil determinar se esse número deve ser entendido como dez mil homens ou como dez divisões. Geralmente cada clã enviava uma divisão de homens armados, mas com menos de mil homens”¹⁰. O exército inimigo era maior. A Bíblia fala em 900 carros de guerra. Débora não desistiu. Os cananeus foram atraídos, por engano, até Quisom. Quando os carros de guerra dos cananeus estavam no vale de Quisom, aconteceu uma forte chuva. Os carros ficaram atolados e foram abandonados. Assim, as forças cananeias foram derrotadas. Sísera foi morto. John Walton¹¹ afirma que a estratégia do exército de Sísera foi frustrada por causa da combinação do volume de águas no leito do auádi e das pesadas chuvas que transformaram as planícies em um atoleiro. Quem matou o general Sísera foi uma mulher chamada Jael, cujo nome significa cabra montês¹². Cumpru-se o que Débora havia falado de que ela iria à luta, mas a honra pela conquista da guerra seria de uma mulher. Depois da vitória no qual todos os cananeus foram mortos, Débora louvou a Deus com um cântico de vitória. As ações de graças ficaram conhecidas como canção de Débora. A vitória dos judeus significou a vitória de Deus sobre as demais divindades. Depois da vitória, os israelitas tiveram paz por 40 anos.

Os personagens do texto de Juízes 4 e 5 merecem destaque. A história escolhida para destaque é a de uma mulher. Débora é a personagem principal. Ela foi profetisa e juíza de Israel. A trama narrada mostra que, além de Débora, existiram outros personagens como Baraque (israelita da tribo de Naftali), Jabim (rei cananeu que oprimia o povo de Israel na época que Débora era juíza), Sísera (general que servia ao rei cananeu Jabim) e Jael (mulher que matou o general Sísera e que era casada com Héber).

A história de Débora

De acordo Leide Jane Soares dos Santos¹³, pesquisadora sobre o papel das mulheres, o nome Débora significa mel de abelha e, na tradição judaica, o nome corresponde à personalidade da pessoa. Débora foi uma líder de seu povo, sendo profetisa e juíza. Era casada com Lapidote. Por estar no livro de Juízes, no Antigo Testamento, é um destaque para Débora ter seu nome citado no texto bíblico, já que nem todas as mulheres descritas na Bíblia têm seus nomes mencionados.

¹⁰ DAVIS, 2005, p. 324.

¹¹ WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 324.

¹² DAVIS, 2005, p. 620.

¹³ SANTOS, Leide Jane Soares dos. A figura de Débora: uma análise sobre as memórias contidas em Juízes 4-5. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2020.2.39484>. Acesso em: 14 out. 2022.

Walton¹⁴ diz que Débora é a única mulher mostrada no livro de Juízes exercendo a função de juíza. Diz ainda que ela dava respostas ao povo com grande autoridade.

O texto bíblico cita que Débora fazia atendimento às pessoas debaixo de uma palmeira, na terra de Efraim, entre os povoados de Ramá e de Betel. Walton¹⁵ afirma que Ramá fica a 5 quilômetros da cidade de Jerusalém e Betel fica a outros 6 quilômetros. Há estudo que afirma que ela era dona de casa e foi escolhida para servir à nação. Não era de linhagem aristocrática. Foi uma mulher da Bíblia elevada a um alto cargo político em sua nação. Ela se descreve como mãe de Israel. Antes de tornar-se juíza, Débora foi uma líder, uma conselheira.

O texto bíblico, em Juízes 4, diz que as pessoas procuravam Débora para resolver os problemas. Ela “chegou ao poder em um tempo em que os israelitas ignoravam a Lei de Deus e viviam sob o domínio opressor do rei cananeu Jabim e do general Sisera”¹⁶. Débora chamou Baraque para guerrear contra o general Sísera. Isso era uma ordem divina. Baraque não quis fazer a guerra sozinho porque estava com medo do general. Colocou a condição de Débora ir junto. Ele faria a guerra se ela estivesse presente. Walton¹⁷ afirma que a estratégia retratada em Juízes 4 e 5 dependia da interferência de Deus que deveria enviar muita chuva. Naquele momento não estava chovendo, mas Débora e o povo deveriam acreditar que Deus mandaria chuva para atrapalhar Sísera na guerra.

A profetisa concordou em ir para a guerra e disse que a honra da vitória seria de uma mulher e não de Baraque. Assim aconteceu. Jael matou Sísera e saiu gloriosa da guerra. O general Sísera foi morto quando fugia, depois de perder a batalha para Débora e para Baraque. Depois de vencer a guerra, Débora fez um canto de vitória. Essa música ficou historicamente chamada de cântico de Débora.

O cântico de Débora recebeu destaque. Walton afirma que um cântico era algo comum naquele tempo, era “uma maneira de celebrar as vitórias militares e comemorá-las nos anos seguintes. Por isso, a canção era escrita e cantada”¹⁸. Juízes 5 cita que Débora e Baraque cantaram ao Senhor depois de vencer a guerra. No cântico, Débora disse que se levantou como mãe de Israel. Ela citou a justiça divina do Senhor em prol das aldeias de Israel. Disse para Baraque se levantar e levar presas as pessoas que o tinham prendido.

O texto bíblico, em Juízes 5.9¹⁹, mostra que Débora elogiou as outras tribos israelitas que foram à guerra para ajudá-la. Essa é uma característica da época. As tribos se ajudavam

¹⁴ WALTON, 2018, p. 323.

¹⁵ WALTON, 2018, p. 323.

¹⁶ GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Vida, 2005. p. 135.

¹⁷ WALTON, 2018, p. 324.

¹⁸ WALTON, 2018, p. 325.

¹⁹ ALMEIDA, 2006, p. 277.



mutuamente em caso de guerra. Débora, em Juízes 5.23²⁰, também criticou as tribos israelitas que não foram para a guerra. Ela elogiou Jael, em Juízes 5.24²¹, que matou o inimigo Sísera. Diz que Jael seria bendita sobre as mulheres que vivem em tendas. Diz que Jael deu um golpe em Sísera, rachou-lhe a cabeça e que o inimigo ficou curvado e caiu morto aos pés de Jael. O “cântico de vitória ocupa um lugar destacado entre os textos poéticos da Bíblia”²². Débora finalizou o cântico dizendo que todos os inimigos do Senhor deveriam perecer, mas que deveriam brilhar como o sol todos os que amavam a Deus. Terminou o canto afirmando que a terra ficou em paz durante 40 anos por causa dessa vitória na guerra.

Produzir um cântico era uma maneira comum de celebrar a vitória militar. A música era a forma de lembrar e contar a história nos anos posteriores. A canção também era uma forma de se fazer tributo aos heróis. Walton diz que, “além de servir como tributo aos heróis, os cânticos passavam a fazer parte da história oral do povo”²³. Esses cânticos eram ensinados, de geração em geração, pela tradição oral. Muitos estudiosos concordam que o cântico de Débora está entre as porções mais antigas do Antigo Testamento²⁴.

Como era a vida das mulheres no Antigo Testamento

É muito interessante ver Débora desempenhar papel protagonista na história bíblica em um mundo dominado pelos homens, no qual as mulheres não eram destaque. O modelo de família israelita era patriarcal²⁵. A família era entendida a partir da casa paterna. Na época, as genealogias são dadas seguindo as linhas paternas. “A mulher solteira era bem de seu pai. A mulher casada era posse do marido”²⁶. O conceito de família englobava todas as pessoas unidas pelo sangue (filhos) e pela habitação (esposas, noras, genros, escravos, servos, residentes estrangeiros, viúvas, apátridas e órfãos).

Existia a cultura do go’el²⁷, que era um homem redentor, defensor e protetor dos interesses do indivíduo e do grupo. Cabia ao go’el resgatar um parente próximo que havia se vendido como escravo para pagar uma dívida. Também era direito do go’el, caso o israelita precisasse vender seu patrimônio, ter direito preferencial na compra para evitar alienação (exemplo o caso de Noemi e de Rute). A mulher ficaria desprotegida se o go’el recusasse cumprir seu papel.

²⁰ ALMEIDA, 2006, p. 278.

²¹ ALMEIDA, 2006, p. 278.

²² ALMEIDA, 2006, p. 277.

²³ WALTON, 2018, p. 325.

²⁴ LASOR, 2002, p. 173.

²⁵ VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Nova Vida, 2004. p. 42.

²⁶ VAUX, 2004, p. 48.

²⁷ VAUX, 2004, p. 43.



No casamento, o marido era senhor da esposa. O homem tinha autoridade total sobre esposa e filhos (inclusive os casados que vivessem com o chefe da família). Essa autoridade era de decidir direito de vida ou de morte. Por exemplo, Judá condena a nora Tamar, acusada de imoralidade. O modelo de casamento²⁸ no Antigo Testamento era monogâmico, mas há casos de poligamia como Abraão que era casado com Sara e teve as concubinas Hagar e Quetura²⁹. A mulher estéril arrumava outra mulher para ter filho com o seu marido. Era uma vergonha e humilhação para a mulher ser estéril.

Êxodo 20:17 coloca a mulher entre as posses do marido. Junto com o(a) escravo(a), o boi e os bens (a terra). O marido era o dono da mulher da mesma maneira que é dono de campo e da casa. A mulher casada era posse do marido. Tomar esposa é tornar-se dono. Havia uma negociação para o casamento. O mohar³⁰ era a quantidade de dinheiro que o noivo era obrigado a pagar ao pai da noiva. Essa quantidade variava de acordo com a exigência do pai ou de acordo com a situação social da família. Roland de Vaux³¹ diz que o preço do mohar era discutido com os pais no momento do noivado e era entregue imediatamente se fosse pago em dinheiro. E era costume o mohar ser pago em dinheiro.

No caso do casamento imposto por causa do estupro de uma virgem, a lei dizia que pagava-se 50 siclos de prata. O marido não poderia devolver a mulher se ele a estuprasse. É bom lembrar que 30 siclos era a indenização pela morte de uma escrava, 30 siclos era o valor de uma mulher e 10 siclos era o valor de uma moça com menos de 20 anos. Ciclo era uma peça ou barra de metal (ouro, prata) usado como meio de pagamento. O pagamento do mohar poderia ser substituído por prestação de serviço. Há exemplos disso como o caso de Jacó e Raquel, Mical ou Otoniel com a filha de Calebe³².

A obrigação de entregar à família da noiva uma quantia em dinheiro ou equivalente dá a impressão de compra da mulher³³. Mas não era essa a ideia no Antigo Testamento. O mohar não significava comprar a mulher. Mohar era a compensação dada à família. Parece semelhante à venda e compra da mulher, mas é moralmente diferente: o futuro marido adquire direito sobre a mulher, mas, nem por isso, ela era mercadoria. Existe uma diferença entre mohar e casamento que é uma compra. No mohar, o marido adquire direito sobre mulher, mas não pode vendê-la. No casamento que é uma compra, a moça poderia ser vendida por seu pai a outro homem que a usava como sua concubina (ou de seu filho). Ela era escrava e poderia ser revendida, menos a estrangeiro.

²⁸ VAUX, 2004, p. 46.

²⁹ VAUX, 2004, p. 46.

³⁰ VAUX, 2004, p. 49.

³¹ VAUX, 2004, p. 55.

³² VAUX, 2004, p. 49.

³³ VAUX, 2004, p. 49.



De certa forma, o casamento resguardava a mulher. Era menos ruim ser casada. É provável que o pai tivesse o usufruto do mohar e que ele voltasse às mãos de sua filha como herança ou se a morte de seu marido a reduzisse à indigência. Um exemplo foi Raquel e Lia que se queixaram a Jacó contra o pai Labão ter consumido o dinheiro depois de tê-las vendido.

Além do mohar, existiam os presentes. Os pais poderiam dar presentes para as suas filhas por causa do casamento. Poderia ser terra, uma escrava. Mas Vaux diz que o “costume de dotar a filha nunca enraizou em terra judaica”³⁴. Os noivos também davam presentes por causa do casamento. As duas coisas são diferentes (mohar e presentes). Mohar era pago em dinheiro ou serviço. Presente era pago em roupa e joias. Os presentes eram recompensa pela moça e pela família aceitar o pedido de casamento. Exemplo: Rebeca recebe presentes (joias e vestidos) do servo de Abrãao. A mãe e irmão dela também recebem presentes, conforme está descrito em Gênesis 24.52-53.

Ao casar-se, a mulher deixava seus pais e ia morar com o marido. Ligava-se ao clã do homem. Ao clã do marido pertenciam os filhos que nascessem³⁵. Um exemplo é Rebeca, em Gênesis 24. Abrãao não aceitou que o filho Isaque fosse à Mesopotâmia se a mulher escolhida não quisesse vir a Canaã. Mas havia exceções à essa regra geral de que seria a mulher que deveria viver na casa do marido. Por exemplo, Gideão³⁶, que teve concubina que ficou morando com sua família em Siquém. E Sansão casou-se com a filisteia Timna. O casamento aconteceu na casa dela. Ela continuou vivendo com seus pais. Sansão ia visitá-la. Jacó casou-se com Lia e Raquel e viveu com o sogro Labão. Quando Jacó fugiu, Labão lhe reprovou por ter levado suas filhas e netos (netos que Labão considerava como seus filhos), conforme Gênesis 32.26-28.

Sobre a escolha da esposa, a Bíblia não diz a idade que a moça se casava. A prática de casar primeiro a filha mais velha não era universal. Parece que elas e eles se casavam muito jovens. Mais tarde, rabinos disseram que moças se casariam com 12 anos e moços com 13 anos³⁷. Sendo tão jovens, era comum que pais interviessem no casamento. Não se consultava a moça ou o rapaz. Por exemplo, Abrãao mandou o servo escolher esposa para Isaque. O servo negociou com Labão (irmão de Rebeca). Essa história está registrada em Gênesis 24.1-14³⁸.

De acordo com Vaux, o pedido de casamento era feito aos pais da moça³⁹. Com os pais discutia-se a condição (quantia de mohar). Mas há exceções. Havia em Israel casamento feito por afeto quando o jovem manifestava sua vontade. Podia decidir por si sem consultar seus pais e até

³⁴ VAUX, 2004, p. 50.

³⁵ VAUX, 2004, p. 51.

³⁶ VAUX, 2004, p. 51.

³⁷ VAUX, 2004, p. 52.

³⁸ ALMEIDA, 2006, p. 44.

³⁹ VAUX, 2004, p. 52.



casar-se contra a vontade deles. Mas, raro mesmo, era a moça tomar a iniciativa do casamento. No entanto, existe exemplo como Mical, filha de Saul, que se apaixonou por Davi, conforme 1 Samuel 18.20⁴⁰.

A mulher não podia pedir divórcio⁴¹. Isso só cabia ao homem. Ela permanecia sempre como menor de idade. O voto da moça e da mulher casada não tinha validade. O pai e o marido podiam anular esse voto.

Pela Lei, existiam alguns tipos de impedimento de união por consanguinidade⁴². Exemplos: pai e filha, mãe e filho; pai e neta; irmão e irmã; meia irmã (aceito na época patriarcal); sobrinho e tia; filho e madrasta; sogro e nora; sogra e genro; homem e a filha ou neta de quem ele tenha se casado; homem e a mulher de seu tio; cunhado e cunhada; e casamento com duas irmãs foi proibido.

Os membros da linhagem sacerdotal tinham regras próprias para se casar. Os sacerdotes não poderiam ter por esposa uma mulher que tivesse se prostituído ou sido repudiada pelo marido⁴³. Os sacerdotes também não poderiam se casar com as viúvas (mas sacerdote poderia casar-se com mulher que fosse viúva de outro sacerdote). O sumo sacerdote tinha regra mais específica. Só poderia ter por esposa uma mulher virgem de Israel. Só homens eram sacerdotes e sumo sacerdote. As mulheres não podiam exercer esse ofício religioso.

Existiam algumas restrições ao direito do marido⁴⁴. A lei fazia poucas restrições a ele. O homem não poderia repudiar a mulher caso tivesse a acusado falsamente de não ser virgem ao casar-se com ele. O homem não poderia repudiar a mulher com a qual se casou por tê-la violado. Se ele praticasse violência sexual contra uma moça, era obrigado a se casar com ela e não poderia repudiá-la. O homem deveria morrer apedrejado em caso de adultério. A mulher também era apedrejada em caso de adultério.

O marido poderia repudiar a esposa. Ela estava protegida pelo documento de repúdio. Ela ganhava liberdade novamente com esse documento. É provável que a repudiada permanecesse com usufruto ou parte do mohar e os presentes que ela recebeu de seu pai⁴⁵.

Os estudos históricos dizem sobre a mulher que se casava duas vezes⁴⁶ que a mulher repudiada por um homem (primeiro marido) poderia se casar novamente. Nesse segundo casamento, com o segundo marido, caso fosse repudiada novamente, e esse segundo marido

⁴⁰ VAUX, 2004, p. 53.

⁴¹ VAUX, 2004, p. 57.

⁴² VAUX, 2004, p. 54.

⁴³ VAUX, 2004, p. 387.

⁴⁴ VAUX, 2004, p. 58.

⁴⁵ VAUX, 2004, p. 57.

⁴⁶ VAUX, 2004, p. 58.



morresse, ela poderia se casar de novo. Mas não poderia se casar com o primeiro homem que a tinha repudiado. Se era viúva de um segundo marido, era livre para se casar novamente, menos com o primeiro marido do qual tinha deixado.

Existia a cultura do levirato⁴⁷. Isso significava que, se os irmãos vivessem juntos e um morresse, sem deixar descendentes, o irmão sobrevivente tomava por mulher a viúva. O primogênito do casamento era filho do falecido. Mas o cunhado poderia se recusar a essa obrigação fazendo declaração ao ancião da cidade. Porém, se o homem se recusasse a se casar com a cunhada, ele era desonrado. A viúva rejeitada o descalçava e cuspiam na cara dele porque não edificou a casa de seu irmão.

No Antigo Testamento, o levirato⁴⁸ era para perpetuar a descendência masculina. A primeira criança que nascesse naquela relação de levirato era do homem falecido. Isso reforçava a importância dos laços de sangue e a importância de evitar a transferência de bens da família. Existia uma condição para o levirato que eram os irmãos viverem juntos.

A mulher era considerada da família. Não era considerada social e juridicamente. Quando era mãe, a estima dela aumentava. Melhor ainda se fosse mãe de homem porque, com filhos homens, o marido se afeiçoava mais a ela. Os filhos deviam obediência e respeito aos pais. A Lei condenava os filhos que desrespeitassem mãe e pai. Ambos deveriam ser honrados, como diz Êxodo 20.12.

A situação da mulher viúva era singular. O voto feito pela mulher continuava valendo mesmo depois que o marido morresse⁴⁹. A viúva sem filhos podia permanecer unida à família de seu marido pelo levirato. Se não tivesse levir, ela podia se casar fora da família como foi o caso de Rute. Nesse meio tempo, voltava a morar com os pais. Por um tempo a viúva usava luto. Não se sabe quanto tempo durava o luto. Parece que o luto durava três anos, baseado no livro de Judite⁵⁰, uma viúva rica, o que a diferenciava das muitas mulheres viúvas que tinham muitos filhos e eram miseráveis. As viúvas estavam protegidas pela lei religiosa e o povo deveria ser caridoso com elas. As viúvas, os órfãos e os estrangeiros residentes deveriam ter apoio da família e ser ajudados.

A prostituição era proibida ao povo de Deus no Antigo Testamento. O pai não podia obrigar a filha a se prostituir para ajudar na renda da família. Segundo Êxodo 21.7-11, o pai poderia vender a filha (menor de 12 anos) por causa de dívidas ou da pobreza⁵¹. Existia diferença entre mulher

⁴⁷ VAUX, 2004, p. 60.

⁴⁸ VAUX, 2004, p. 61.

⁴⁹ VAUX, 2004, p. 62.

⁵⁰ VAUX, 2004, p. 63.

⁵¹ NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja: doutrinas e movimentos que enfraquecem o cristianismo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 140.



israelita e escrava. O homem poderia vender a escrava e a sua filha, mas não poderia vender sua esposa, mesmo que a tenha adquirido como cativa de guerra.

Sobre o trabalho, elas cuidavam dos afazeres do lar, guardavam o rebanho, trabalhavam no campo, faziam pão, teciam, entre outras atividades domésticas. As atividades eram consideração a elas. Não eram humilhação. A mulher não estudava. Especialistas em Antigo Testamento afirmam que “as meninas ficavam sob a direção de suas mães que as ensinavam o que deviam saber para o ofício de mulher e para o cuidado de uma casa”⁵². A mulher podia tomar parte em assuntos públicos (excepcionalmente) como, por exemplo, Débora, Joel, Hulda, Judite e Ester.

Existiam as mulheres escravas que eram donas de casa ou amas de leite. Os seus donos as casavam à sua vontade⁵³. Ou eles as recebiam como concubinas e isso ajudava a melhorar a situação da mulher escrava. Um exemplo era Abraão e Jacó. Se os donos não as libertassem, elas conservavam a condição de escravas.

A lei diz que o pai israelita, pobre ou endividado, poderia vender sua filha para que fosse concubina de um dono ou de seu filho⁵⁴. Essa concubina não era colocada em liberdade ao sétimo ano como acontecia com os escravos masculinos. Se o dono não gostasse da escrava, poderia fazer com que fosse resgatada, mas não pode revendê-la a um estrangeiro. Se o homem arrumasse outra mulher, deveria manter todos os direitos da primeira esposa. Se o dono desse a escrava para o seu filho, ela deveria ser tratada como uma filha da casa.

A lei deuteronomica reservava uma situação parecida à cativa de guerra (escrava) que o vencedor tomava por esposa. Se o homem não gostasse da cativa de guerra, deveria deixá-la ir e não poderia vendê-la. A lei diz, sobre os escravos israelitas, que a mulher era libertada ao sétimo ano, como o escravo homem. E, como ele, poderia renunciar à sua libertação. A serva não era liberta ao sétimo ano (diferente dos homens que eram libertos). A escrava (cativa de guerra) era liberta ao sétimo ano (igual aos homens que eram libertos)⁵⁵.

A importância de Débora para as mulheres hoje

Como afirma a teóloga feminista Elsa Tamez, é importante fazer análise hermenêutica pela perspectiva das mulheres. Ao narrar a sua experiência na área teológica, Tamez relata que aprendeu, na sua caminhada, a estudar a Bíblia com o olhar feminino. Ela afirma isso dizendo que

⁵² VAUX, 2004, p. 74.

⁵³ VAUX, 2004, p. 105.

⁵⁴ VAUX, 2004, p. 110.

⁵⁵ VAUX, 2004, p. 112.

as mulheres teólogas aprofundaram no significado de fazer teologia com os olhos de uma mulher⁵⁶. É nessa perspectiva que será analisada a personagem bíblica estudada.

É importante notar o protagonismo de Débora diante do contexto de um mundo onde os homens exerciam o poder. A mulher podia tomar parte em assuntos públicos excepcionalmente. Débora foi líder, uma autoridade militar e religiosa. Era autoridade militar por ser juíza. Era autoridade religiosa por ser profetisa. Débora foi a única juíza entre outros 11 homens também juízes. “Interessante é que, no livro de Juízes, personagens femininas têm um papel especial. Em nenhum outro lugar tantas mudanças decisivas na história dependem de mulheres”⁵⁷.

Diante dessa informação de que ela era líder da tribo e fazia guerra, conforme Juízes 4 e 5⁵⁸, é importante dizer que foi Deus que a escolheu. Porque o juiz não era escolhido pelo povo, mas por Deus para libertar os israelitas da opressão de alguma nação vizinha. Débora, por exemplo, fez guerra contra Sísera, general que servia ao rei cananeu Jabim, que oprimia o povo de Israel na época.

Percebe-se aqui que Deus não fez distinção de gênero ao escolher uma mulher como juíza. Deus agiu ao contrário da cultura humana que colocava a mulher como dependente do homem à época. Vaux afirma que “a filha não casada estava na dependência do pai e a mulher casada está na dependência do marido”⁵⁹. É importante entender que a discriminação e a resistência à liderança feminina é uma cultura construída pelos seres humanos e não por ordem divina. Além desse exemplo de Débora, na própria criação não houve diferença porque ambos (homens e mulheres) foram feitos do pó da terra e à imagem divina, conforme está descrito em Gênesis 2⁶⁰.

Outra contribuição teológica para esse texto é a ideia de que Deus é Salvador de Seu povo. Ele usava juízes para cumprir a Sua vontade. Ele ouviu o clamor de Seu povo e, em cada momento, concedeu o Espírito Santo a um juiz para que livrasse o povo dos inimigos. “Uma lição a ser extraída da vida dos juízes é que aqueles que se dedicam a Javé podem ser usados por Ele”⁶¹. Débora está entre as pessoas que receberam essa inspiração e revelação divina.

Destaca-se a coragem dela de ir à guerra. As batalhas eram campos masculinos. A mulher não ia à guerra, isso era trabalho dos homens. Mas, Débora, foi depois que Baraque, o seu liderado,

⁵⁶ TAMEZ, Elsa. Descubriendo rostros distintos de Dios. In: TAMAYO, Juan José; BOSH, Juan (ed.). **Panorama de la teología latinoamericana**. Cuando vida y pensamiento son inseparables. Navarra: Verbo Divino, 2001. p. 647-659. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/liberacion/TL/autores/tamez.htm>. Acesso em: 14 out. 2022.

⁵⁷ ROSEL, 2009, p. 49.

⁵⁸ ALMEIDA, 2006, p. 276.

⁵⁹ VAUX, 2006, p. 48.

⁶⁰ ALMEIDA, 2006, p. 20.

⁶¹ LASOR, 2002, p. 176.



se recusou a enfrentar o general Sísera. A Bíblia mostra que Baraque teve medo. Esse sentimento não é relatado em Débora. Pelo contrário, ela enfrentou o inimigo cananeu.

Outro ponto a aprender nessa história é como Débora honrou as mulheres. Como descrito em Juízes 4⁶², ela disse a Baraque que iria à guerra, mas que ele não receberia as honras pelo serviço militar. Uma mulher seria honrada. Ao vencer a guerra, Débora honrou a sua palavra profética e destacou o trabalho de Jael, que foi quem matou o general Sísera. Débora não desconsiderou ou deixou de mostrar os feitos de Jael. O texto mostra as mulheres honrando as mulheres. Atualmente isso pode ser entendido como sororidade, ou seja, a relação de união, de afeição, de amizade entre as mulheres.

Interessante notar os aspectos culturais que envolvem a cena de Jael matar Sísera. Jael salvou a sua própria vida, defendeu a honra de seu esposo ausente, sua própria honra e a de muitas centenas de seu sexo. Ao entrar na tenda da mulher, Sísera era culpado de um ato muito cruel e foi de sua parte uma recompensa indigna pela hospitalidade e bondade que ela lhe mostrou. Ele sabia que a lei do deserto condenava à morte uma mulher em cuja parte da tenda entrasse um homem. Ela podia salvar-se somente se conseguisse matá-lo. E Jael era filha do deserto e não de Israel⁶³.

Débora conversava com o povo mesmo sem ser esse o papel de um juiz. Ao juiz cabia fazer guerra. O atendimento ao povo era função para o ancião. “Em todas as subdivisões das tribos existiam juízes, os chefes e os anciãos investidos de autoridade civil e religiosa”⁶⁴.

Merril⁶⁵ diz que na época não havia rei em Israel. A ausência do rei fazia com que a população agisse por conta própria, conforme seu interesse, como afirma Juízes 21.25. Isso mostra que a época dos juízes foi de anarquia religiosa e cultural que pedia algum tipo de solução. Estudiosos afirmam que, no período de juízes, com frequência o povo se voltava para a idolatria, quebrava a aliança e seguiam deuses dos vizinhos pagãos⁶⁶. Então Deus levantou juízes. Davis diz que juízes eram homens que Deus destinava para dirigir os movimentos libertadores e, por isso, as pessoas os consideravam salvadores da pátria⁶⁷.

Os juízes administravam os assuntos sociais às vezes em sucessão e, outras, concomitantes e em jurisdição regional. Os juízes, embora em certas ocasiões funcionassem em contexto de jurisprudência, em sua maioria eram líderes militares cuja obrigação era repelir e

⁶² ALMEIDA, 2006, p. 276.

⁶³ PEARLMAN, 2006, p. 58.

⁶⁴ DAVIS, 2005, p. 720.

⁶⁵ MERRIL, 2009, p. 408.

⁶⁶ DAVIS, 2005, p. 721.

⁶⁷ DAVIS, 2005, p. 720.



derrotar as nações inimigas e trazer paz e estabilidade para a terra⁶⁸. Débora atendia debaixo da palmeira. A Bíblia acrescenta que os filhos de Israel a procuravam para juízo. Estudos apontam que Débora julgava (governava) o povo. Como profetisa, manifestava a vontade de Deus. Como juíza, era encarregada de administrar justiça.

Também se aprende com a protagonista como é necessário render louvor a Deus depois de uma conquista. Além de honrar uma mulher, depois de vencer a guerra, Débora fez um canto de vitória oferecido a Deus. O conteúdo do cântico é um engrandecimento ao nome de Deus que fez com que o povo israelita vencesse a batalha contra o exército liderado por Sísera. É ainda um agradecimento a Deus pela vitória. Débora diz ainda, na letra da canção, que era mãe de Israel. Também agradece às demais tribos de seu povo que a ajudaram na guerra. Davis mostra como estava a situação das 12 tribos de Israel durante esse período histórico. Diz que o cântico de Débora mostra a “frouxidão dos laços que uniam as tribos e quais estavam ligadas em forças para a defesa comum”⁶⁹. Davis afirma que havia divisão entre as tribos. Por isso, Débora chega a criticar os líderes que não a ajudaram. Elogia Efraim, por exemplo, que foi uma tribo guerreira ao seu lado. Rubem, Gileade e Dã não responderam e não participaram da guerra e Débora reprova essa atitude.

Considerações finais

Diante das narrativas, não resta dúvida da importância do trabalho feminino na comunidade religiosa e na vida de modo geral. A vida de Débora é um exemplo bíblico a ser considerado na igreja cristã atual. Hoje, o trabalho religioso feminino não deve se restringir a cargos secundários pelo fato de as mulheres não poderem, em algumas denominações cristãs, exercer o protagonismo. Débora foi líder de seu povo. Deus a escolheu para o serviço. Hoje, nas igrejas cristãs, muitas mulheres são discriminadas e impedidas de liderar. Existe a polêmica sobre a ordenação feminina. Por exemplo, a Igreja Presbiteriana, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Católica Apostólica Romana e as igrejas ortodoxas em geral não aceitam que as mulheres sejam ordenadas. Elas não podem ser pastoras e nem presidentes nessas instituições.

A liderança de Débora pode levar a igreja cristã hoje a refletir sobre a ação feminina nos trabalhos eclesiais. A história da juíza israelita mostra como Deus não segrega as pessoas. Todos recebem talentos de modo igualitário. Há espaço para todos os membros do corpo de Cristo desempenhar as atividades que lhes foram confiadas pelo Criador. Basta cada um cumprir seu chamado com responsabilidade, sem fugir da luta. Lembrando que Débora não fugiu da guerra. Pelo contrário, ela enfrentou as dificuldades e a consequência desse ato foi que o povo israelita

⁶⁸ MERRIL, 2009, p. 408.

⁶⁹ DAVIS, 2005, p. 720.



obteve sucesso na guerra diante dos cananeus. Houve vitória do povo e o nome de Deus foi honrado.

Referências

ALMEIDA. **Bíblia de Estudo Revista e Atualizada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

DAVIS, John. **Novo dicionário da Bíblia ampliado e atualizado**. São Paulo: Hagnos, 2005.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LASOR, William S. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja: doutrinas e movimentos que enfraquecem o cristianismo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia: livro por livro**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

ROSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

SANTOS, Leide Jane Soares dos. A figura de Débora: uma análise sobre as memórias contidas em Juízes 4-5. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2020.2.39484>. Acesso em: 14 out. 2022.

TAMEZ, Elsa. Descubriendo rostros distintos de Dios. *In*: TAMAYO, Juan José; BOSH, Juan (ed.). **Panorama de la teología latinoamericana**. Cuando vida y pensamiento son inseparables. Navarra: Verbo Divino, 2001. p. 647-659. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/liberacion/TL/autores/tamez.htm>. Acesso em: 14 out. 2022.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Nova Vida, 2004.

WALTON, John H. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

Recebido em: 13 fev. 2022

Aceito em: 10 nov. 2022